

Resenha:

SILVA, Michel Goulart da (org.). **Marxismo e natureza: ecologia, história e política.** Pará de Minas: Virtual Books, 2010.

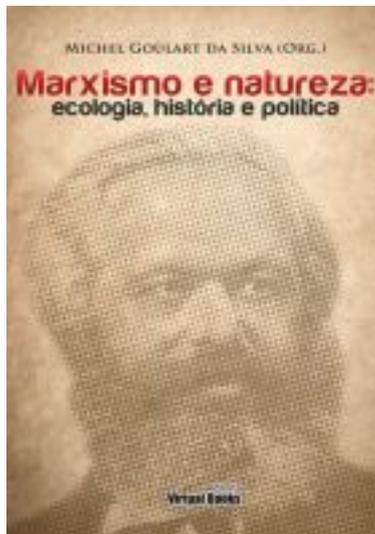
A renovação do marxismo e a ecologia

Mariana Silveira dos Santos Rosa*

Uma das interpretações mais comuns construídas acerca do marxismo é aquela que o coloca como uma teoria da modernização progressiva da sociedade. Assim, entre os fundamentos desse pensamento estaria a ideia de superação de formações sociais atrasadas e arcaicas, caminhando-se para uma sociedade industrial e desenvolvida. Nesse processo, elementos referentes às questões ambientais teriam importância menor para o marxismo, pois o fundamental seria o desenvolvimento das forças produtivas. Essas ideias foram reproduzidas por vários intelectuais, tanto marxistas quanto críticos do marxismo, durante muitas décadas, inspiradas pela leitura de formulações teóricas divulgadas por lideranças marxistas nas primeiras décadas do século XX, comprometidas com projetos políticos reformistas e autoritários, como a socialdemocracia e o stalinismo.

Partindo de outra perspectiva, inspirada principalmente no sociólogo marxista estadunidense John Bellamy Foster, os

autores que compõem a coletânea *Marxismo e natureza: ecologia, história e política* propõem uma leitura diferente da relação entre o marxismo e o meio ambiente. É possível depreender dois objetivos principais do livro: 1) mostrar que a teoria marxista é profundamente ecológica, ou seja, encara a história humana como parte orgânica da história natural e o homem como parte constitutiva do meio ambiente; 2) mostrar que o marxismo, embora encare a necessidade de explorar as potencialidades criativas da humanidade por meio da técnica e da tecnologia, aponta para a necessária superação do capitalismo como forma de socializar os meios de produção. Na base desse pensamento está a perspectiva política de que é preciso combater a privatização dos conhecimentos produzidos pela humanidade, hoje objetos de negócios milionários. Por outro lado, segundo os autores, a destruição ambiental somente será superada com o fim do capitalismo e a constituição de uma relação equilibrada entre o homem e o meio ambiente.



O livro está estruturado em um prefácio e cinco capítulos. Escrito por Pablo Rieznik, reconhecido economista e militante político argentino, o prefácio aponta para a necessidade de as Ciências Sociais se utilizarem de uma perspectiva totalizante e concreta para realizar suas pesquisas. Para o prefaciador, as investigações publicadas no livro estão dentro dessa perspectiva. Em tom provocativo, o professor da Universidade de Buenos Aires procura responder se é possível mudar o mundo ou apenas entendê-lo, apontando positivamente para a possibilidade concreta da transformação social e política. Segundo Rieznik, “não só é possível como necessário revolucionar o mundo se queremos seguir conhecendo e inclusive vivendo” (p. 9). O livro, segundo o professor, é uma contribuição para essa revolução.

O historiador Osvaldo Coggiola comparece na coletânea com dois capítulos. No primeiro, intitulado *Capitalismo, ciência e marxismo*, discute a emergência da ciência moderna, desde o século XVI, inserida no contexto de consolidação do capitalismo. Segundo o autor, se de um lado há cada vez mais uma apropriação privada do conhecimento por grandes empresas capitalista, impedindo sua socialização, também o marxismo se coloca como teoria revolucionária para um novo projeto de sociedade e como ferramenta teórica para as pesquisas das diferentes ciências. No seu segundo texto, *Ecologia, capitalismo e luta de classes*, o historiador da USP destaca a relação entre o capitalismo e a degradação ambiental, sugerindo que a luta ecológica integra as lutas dos trabalhadores e que, nesse sentido, também se constitui numa luta anticapitalista.

Gilson Dantas, médico e doutor em sociologia, escreve acerca da relação (no seu entendimento, dialética) entre marxismo e ecologia. Seu texto, *Marxismo e ecologia: uma relação dialética*, analisa as interpretações mecanicistas do marxismo, que relegaram à ecologia um papel secundário na teoria e na prática política comunista. Para tanto, baseado em colaborações contemporâneas de autores como John Foster e Paul Burkett (este último, inédito no Brasil), procura apresentar elementos da teoria de Marx que levantem o debate acerca do meio ambiente, ou seja, o autor busca por uma ecologia de Marx, sem confundí-lo com uma perspectiva de reformas sociais dentro do capitalismo.

O historiador Michel Silva, que também organiza o livro, traz o texto *Marxismo, trabalho e evolução*, no qual destaca a relação entre produção e reprodução da vida humana e a intervenção do meio ambiente, por meio do trabalho, nesta relação. O historiador tenta aproximar os pensamentos de Marx e Darwin pela perspectiva filosófica materialista, baseando-se na compreensão semelhante que ambos possuem acerca da importância do trabalho na evolução humana. Além disso, Silva discute contribuições recentes da arqueologia, que demonstram acertos de algumas hipóteses teóricas acerca da evolução humana que foram produzidas por Engels, no século XIX.

O livro termina com um comentário escrito por Daniel Menezes Delfino, filósofo e sociólogo, acerca do filme *Avatar*, e constitui-se no texto mais fraco do volume. O artigo foi escrito ainda quando o filme era exibido nas salas de cinema, o que poderia justificar suas limitações. Contudo, o problema passa pelo fato de o artigo não se definir entre um comentário fílmico e um

manifesto político pela luta socialista contra a degradação ambiental promovida pelo capitalismo. Assim, o autor nem faz uma análise cuidadosa do texto nem apresenta de forma minimamente consequente suas contribuições teóricas e políticas. O livro poderia ter terminado com as últimas páginas apontando para um programa de ação da esquerda marxista, mas o autor do artigo, ao perder-se em especulações pouco concretas, perdeu uma importante chance tanto de fazer uma análise mais densa do filme como de propor saídas políticas para o movimento socialista.

Apesar desse problema com o último capítulo, o livro é fundamental para o debate acerca da relação entre marxismo e ecologia, por um lado, e para uma compreensão científica da degradação ambiental, por outro. Partindo das

reflexões que se vem fazendo acerca dessa temática em outros países, principalmente nos Estados Unidos, o livro é constituído por pesquisas que propõem questões políticas e teóricas tanto mais gerais como para as particularidades do Brasil. Principalmente, são temas que esses e outros pesquisadores vêm trabalhando há vários anos e publicando de forma dispersa, mas que agora, finalmente, ganha uma versão em um único volume. Por certo, muitos estudos e temas ficaram de fora, mas este volume pode se constituir num primeiro passo para novas coletâneas de ensaios que venham, por um lado, aportar para o debate marxista acerca da ecologia e, por outro, difundir novas pesquisas acerca da destruição capitalista do meio ambiente e dos possíveis caminhos (socialistas) para superá-la.



* **MARIANA SILVEIRA DOS SANTOS ROSA** é Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).